

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO CAMPUS BAIXADA SANTISTA

Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

Gabriela Muler

Narrativas de Idosos Moradores de Cortiços em Santos:

Dilemas e Encantamentos no Cuidar

Produto Técnico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo ± Campus Baixada Santista ± como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

Santos

2021

Gabriela Muler

Narrativas de Idosos Moradores de Cortiços em Santos:

Dilemas e Encantamentos no Cuidar

Produto Técnico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo ± Campus Baixada Santista ± como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientadora: Viviane Santalucia Maximino

Santos

2021

Introdução

O presente trabalho apoia-se na experiência e na contação de histórias, que resultaram na construção de narrativas e discussão sobre temas que permeiam a relação de cuidado a partir do olhar enquanto profissional de saúde de uma equipe de Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Em uma pesquisa guiada pelo método da cartografia e pelas pistas que surgiam no percurso do trabalho através de encontros com idosos moradores de cortiços na região central de Santos, o trabalho buscou atingir os objetivos de conhecer as histórias desses idosos, compreender as estratégias de vida que desenvolvem em seus cotidianos e dar visibilidade a isso.

A região do centro de Santos é o palco do início da urbanização do município e era onde a população mais abastada morava. No entanto, no final do século XVIII e início do século XIX, com o aumento da exportação de café e açúcar, acompanhado pelo aumento das ofertas de trabalho oferecidas pelo porto, ampliou e acelerou o fluxo migratório na região (MARQUES, CARVALHO, 2011, MARTINS, 2013).

Com a falta de um planejamento habitacional e de saneamento básico, e o aumento abrupto de novos habitantes na cidade, houve como consequência epidemias de varíola, peste bubônica e febre amarela no final do século XIX e início do século XX (KURKA et al., 2013). Em meio à situação, surgiu a necessidade de povoar outros territórios da cidade em busca de “bons ares”, refúgios para o período epidêmico. Quem conseguia fazer essa mudança era apenas a população abastada, que foi deixando paulatinamente seus casarões no centro da cidade, mudando-se para mais próximo da orla, local onde ventava mais e ofertava lazer (CARMO, 2015).

Mas, como não havia oferta de moradias suficiente para quem se mudava para trabalhar no porto, os antigos casarões foram transformados em casas coletivas, em que os proprietários construía “barracos enfileirados” com banheiro coletivo (SANTOS, 2011). Dessa forma, os trabalhadores (imigrantes, negros e pardos) que recebiam um baixo salário, acabavam se instalando nessas habitações precárias para morar (CARMO, 2015).

Ainda hoje, esse tipo de moradia é muito comum no território e encontram-se em estado de deterioração, em que chove dentro, há muita umidade, portas sem trancas, banheiros coletivos em condições precárias, e muitos sujeitos que pagam até R\$700 para viver sob essas condições, ainda que em sua maioria recebem um salário mínimo no valor de R\$1.100.

A Dissertação possibilitou dar visibilidade a partir das histórias contadas e escritas, em que houve uma preocupação em detalhar esses espaços e as condições que esses idosos vivem,

além das histórias e vidas que acontecem nesses espaços. Contudo, o percurso da pesquisa também trouxe inúmeras fotos, textos, músicas e outras histórias que não couberam nas narrativas, por isso, como Produto Técnico, foi feita a criação de um perfil do Instagram que objetivou dar espaço para esses elementos supracitados, além de ampliar a visibilidade para o território e as histórias ali vividas, uma vez que o Instagram é de domínio público e tem um grande alcance.

Perfil: “encantamentos_e_territorios”

link: https://www.instagram.com/encantamentos_e_territorios/.

No perfil está descrito o lugar que ocupo atualmente, como trabalhadora do SUS, da Atenção Básica e de uma equipe de Núcleo de Apoio à Saúde da Família, e como cotidianamente me encanto com os modos de vida, as peculiaridades do territórios e dos sujeitos, enriquecidos de história, que me modificam, formam e transformam constantemente o meu olhar e jeito de estar no mundo.

O intuito desse espaço é o de dar visibilidade a esses olhares cotidianos, do trabalho, das vivências, percursos, o que for. É espaço para aquilo que nos toca a cada novo dia. E como não se produz saúde, relações, ações no mundo de maneira solitária, faço um convite para uma construção coletiva, que os profissionais que tiverem contato com o perfil compartilhem através do direct, método de comunicação entre eu e os seguidores do perfil, as imagens e legendas que também sentirem necessidade de dar essa visibilidade, para assim publicá-las e construir uma rede de olhares e encantamentos!

Segue em anexo o print da imagem inicial do instagram com a descrição e na sequências as imagens e textos colocados até o momento:

Instagram

🔍 Pesquisar



encantamentos_e_territorios

Editar perfil



16 publicações 106 seguidores A seguir 69

Espaço para promover visibilidade ao (in)visível

*Por um SUS Público e de qualidade

Envie sua produção no direct

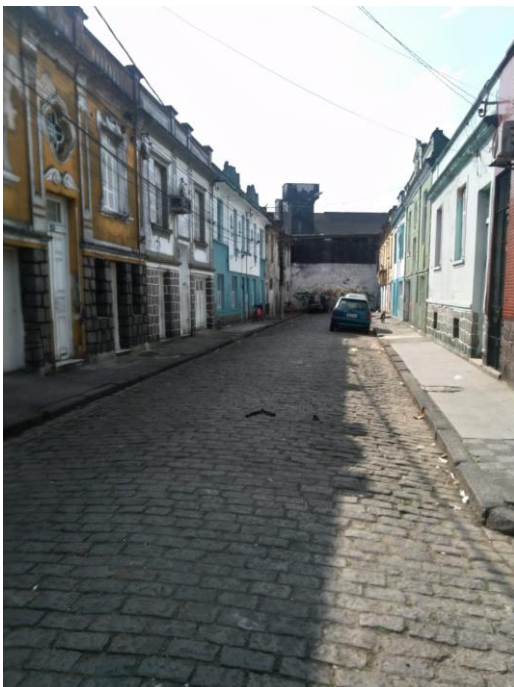
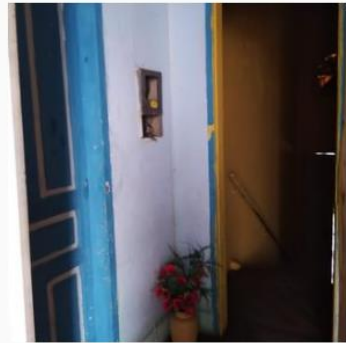
Mais info na primeira foto do feed

📖 PUBLICAÇÕES

📺 IGTV

🔖 GUARDADOS

🏷 IDENTIFICAÇÕES



“Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre
abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas, pão
Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos, os
destinos”

Compositora: Marisa Monte
Letra: Vilarejo



O casarão é da década de 40, escada entalhada, cômodos amplos, azulejo português, madeira maciça, tudo caindo aos pedaços, mas com uma vida inteira ali dentro.

Ela, a última sobrevivente dos antigos moradores, insiste em viver ali. Para dormir, une duas cadeiras, coloca uma madeira entre elas e, assim, cria sua cama. Quando chove, coloca baldes pela casa para dar conta das goteiras. À medida que os baldes enchem, os esvazia jogando o conteúdo pela janela. Quem estiver passando pela rua, salve-se como puder!

Sem luz, sem água encanada, encontra companhia na gata, sua fiel companheira, e nas palavras da bíblia. Quando aparece alguém para conversar, há pressa em contar tudo o que passa pela cabeça e guarda em si mesma cotidianamente, e há uma aparente ausência de escuta. Ledo engano... Sempre que esse alguém retorna, há uma recapitulação do que foi escutado, digerido e agora pode ser dialogado.

Recentemente o teto da entrada da casa cedeu. Como não ficar alarmado com isso? Mas o senso de urgência é individual:

- Estou vendo com os vizinhos para consertar.

Enquanto isso, adaptou uma escada com móveis antigos e pedaços de madeira, assim consegue entrar e sair pela janela. Eis a nova entrada da casa. Ali há uma insistência em viver, como não se contaminar com esse desejo pela vida?



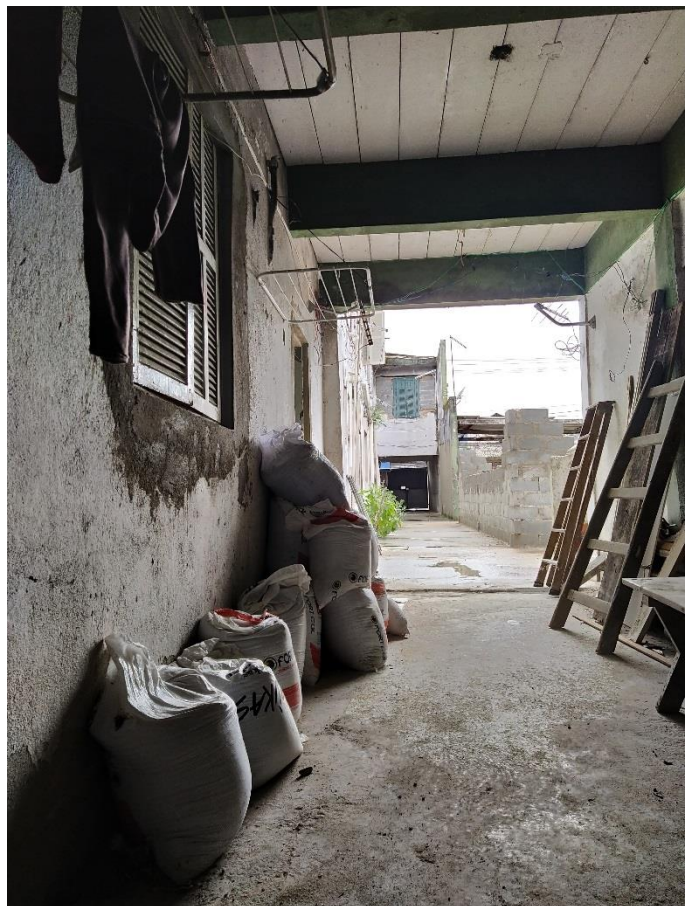
“Todo dia um ninguém José
acorda já deitado
Todo dia, ainda de pé, o Zé
dorme acordado
Todo dia o dia não quer raiar o
sol do dia
Toda trilha andada com fé de
quem crê no ditado
De que o dia insiste em nascer
Mas o dia insiste em nascer
Pra ver deitar o novo”

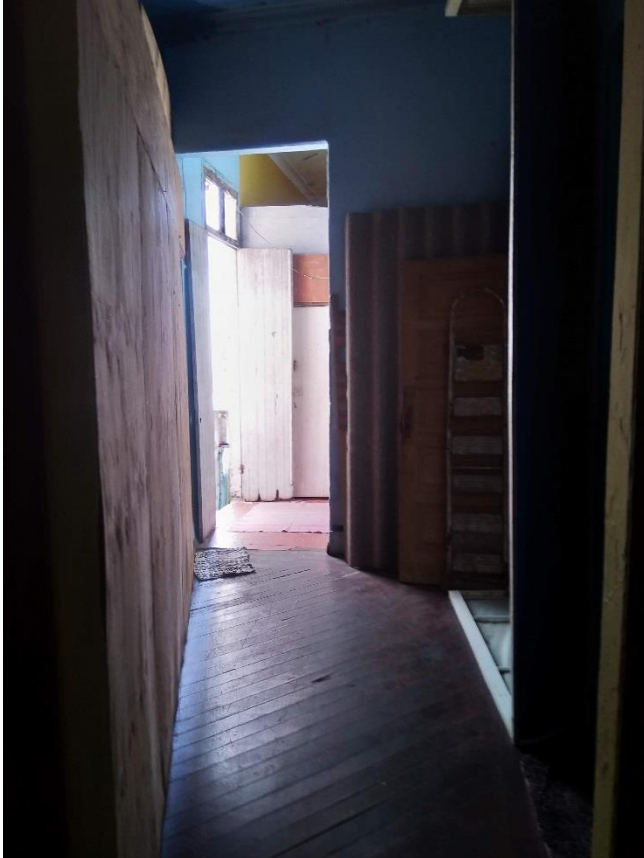
Compositor: Marcelo Camelo de
Souza

Letra: Todo carnaval tem seu fim

Todo dia tomo meu café da
manhã, vou ao banheiro, que fica
passando esses sacos, me arrumo e
sento em frente ao meu quarto.
Daqui vejo tudo! Vejo os vizinhos
passando, falando, brincando,
quem entra e quem sai. Daqui eu
vejo o portão, preciso ficar
olhando o portão. Ninguém vem
aqui falar comigo não, mas sei de
tudo, ouço dizerem que não tenho
família.

Eu tenho família! Eles só não
sabem aonde eu estou...





“O certo é que eu dancei sem
querer dançar
Agora já nem sei qual é o meu
lugar
Dia e noite sem parar procurei
sem encontrar
A palavra certa, a hora certa de
voltar
A porta aberta, a hora certa de
chegar”

Compositor: Humberto Gessinger
Letra: Eu que não amo você



Aqui é passagem e também morada.

Aqui é onde crianças brincam, correm, se escondem pelos antigos quartos que hoje se abrem sem teto ou portas. É local também onde casais brigam e se amam, famílias vivem e animais passeiam. É local que a chuva cai, lavando tudo o que vê pela frente, acumulando água e a doença rola solta.

Das paredes brotam plantas, a vida de fato insiste em crescer, no solo ou nas paredes duras.

Às vezes me pergunto se a insalubridade paga uma madeira dessas na minha cabeça...

Mas as vidas que existem aqui sofrem com o mesmo perigo sem ter esse ou outro tipo de “auxílio”. E enquanto essas vidas permanecem aqui, há valor em cada momento de presença nessa morada.



“Despencados de voos cansativos
Complicados e pensativos
Machucados após tantos crivos
Blindados com nossos motivos
Amuados, reflexivos
E dá-lhe antidepressivos
Acanhados entre discos e livros
Inofensivos

Será que o sol sai pra um voo melhor?
Eu vou esperar, talvez na primavera
O céu clareia, vem calor
Vê só o que sobrou de nós e o que já era
Em colapso o planeta gira, tanta mentira
Aumenta a ira de quem sofre mudo
A página vira, o são delira, então a gente pira
E no meio disso tudo, 'tamo tipo...

Passarinhos
Soltos a voar dispostos
Achar um ninho
Nem que seja no peito um do outro”

Compositores: Leandro Roque De Oliveira e Xuxa Levy
Letras: Passarinhos

“Eu perco o chão
Eu não acho as palavras
Eu ando tão triste
Eu ando pela sala
Eu perco a hora
Eu chego no fim
Eu deixo a porta aberta
Eu não moro mais em mim”

Compositor: Adriana Calcanhoto
Letra: Metade



“Eu ando pelo mundo
prestando atenção
Em cores que eu não sei o
nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores
Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção no que
meu irmão ouve
E como uma segunda pele, um
calo, uma casca
Uma cápsula protetora”

Compositor: Adriana
Calcanhoto



Ao longo da vida existem as grandes e pequenas mortes. Há cada novo encontro e virada, há sempre um tanto de nós que fica para trás e tanto que segue, por vezes modificado.

“Descobrir o nosso morrer é uma virada. Morrer é como o primeiro dia na escola. Morrer evoca o desamparo, o inesperado, desafio ao conhecido. Morrer estabelece novas direções, o ganho de novos poderes, a perda de outros. Abrir mão de padrões de ação, de pensamento, ficar inseguro, ficar excitado, saber que algo está emergindo, mas não saber para onde está indo. O morrer, como qualquer outra virada, é um lugar de transição, um encarar o desconhecido e a complexidade emergente de novos modos de ser. Novas ações, pensamentos, sentimentos. Cada virada é a resolução de uma perda e um encontro com o desconhecido [...].

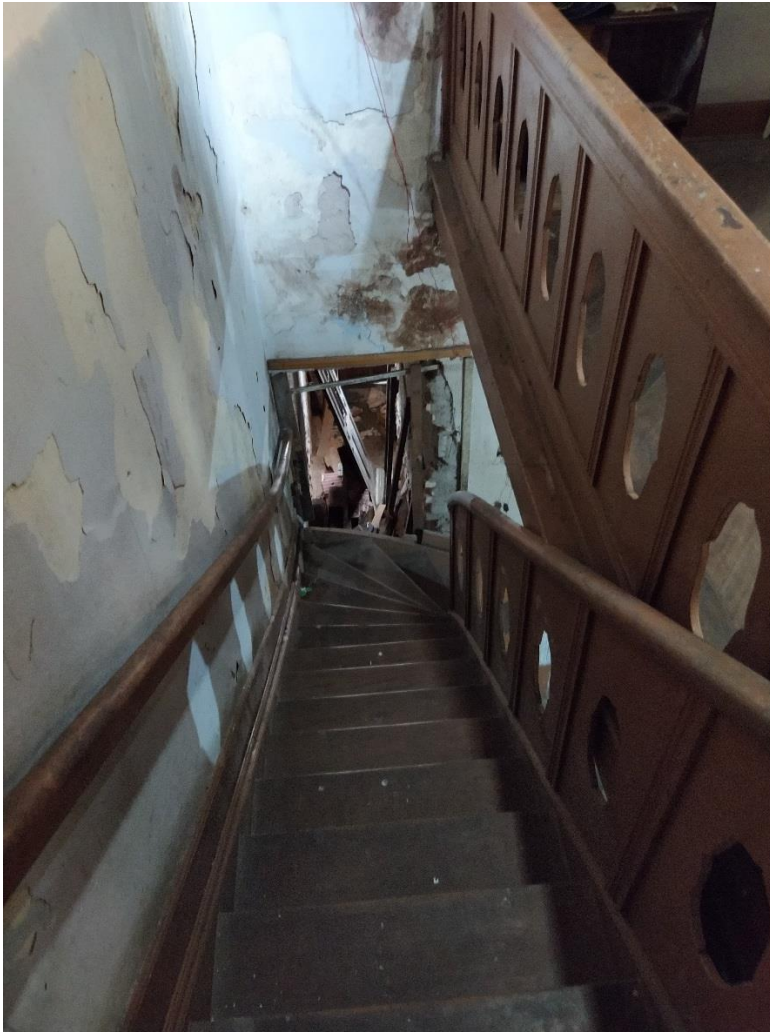
Viver sua morte é aprender as transformações que surgem de suas viradas [...]

As viradas são o caldeirão das nossas vidas, as etapas dos nossos nascimentos, nossas autoformações. Não há viradas sem sentimentos de morte; não há autoformação sem finalizações e perdas”

Não há vida sem a morte e a morte sem a vida.

Autor: Stanley Keleman

Livro: Viver o seu morrer, páginas 26 a 28



“Celebração das Contradições/2

Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América.

Nessas terras, a cabeça do deus Elegguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça: cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível, e os delírios, outra razão.

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia.”

Autor: Eduardo Galeano

Livro: O livro dos Abraços, página 123



“Uma experiência deixa marcas. Uma experiência muda nossos rumos, nossos sonhos, nossas vidas. Uma experiência também surge como uma porta que se abre e nos apresenta novas possibilidades de caminhos. Nossas experiências são a essência de nossas narrativas. Podemos contar ou descrever uma vivência, um fato, um acontecimento. Mas quando narramos uma experiência, convidamos outros seres humanos a compartilharem conosco de nossa humanidade. Narrar uma experiência é abrir-se ao encontro e, talvez, seja exatamente este encontro o que perdemos na troca diária e desesperada de milhares de informações, tantas vezes inúteis.

As experiências às quais nos referimos, portanto, são aquelas que não são esquecidas, não são embolsadas pelo tempo, ao contrário, são aquelas que, quanto mais narramos, quanto mais revisitamos, mais se expandem em nós, mais nos produzem como sujeitos. São aquelas que, quanto mais compartilhamos, mais significados encontramos, mais cresce em nosso peito e mais fundo nos marca na alma [...].

Estas experiências, ao serem narradas, compartilhadas com outros sujeitos, às vezes são envoltas por uma aura de cumplicidade e respeito, onde mesmo ideias contrárias se permitem ouvir com atenção. [...] Permite que eu repense, que eu reflita sobre as minhas “verdades”.”

Autor: Andréa Serpa

Capítulo: Conversas: Possibilidades de pesquisa com o Cotidiano – página 100 e 101
Livro: Conversa como metodologia de pesquisa. Por que não?



“Eu me senti como um rei
Me larguei, dormi, nas margens
de mim

[...]

Me recolhi, fiquei só
Até florescer
Desapego e raiz, improviso e
razão
Canto pra colher, agora e aqui

De qualquer maneira parte em
mim
Diz valer a pena ser assim”

Compositor: Leoni, Daniel
Santiago, Fernando Anitelli

Letra: Nas Margens de mim



Sobre os pequenos encantamentos
no cotidiano do trabalho...

“- Isso o que você falou é bem
verdade. Essa história de
caminhos...A vida é como passar
roupa. Sabe quando você ajeita a
calça, deixa tudo certinho, passa o
ferro e vê que um lado passou e o
outro ficou todo amassado?”



“Propriedades

- Você tem gato?
- Não.
- Cachorro?
- Não. Prefiro humanos e plantas.
- Tem filhos?
- Não?
- Nenhuma gestação?
- Nenhuma. Só tenho mundos mesmo. Todos meus. Isso serve?”

Autora: Liliane Oraggio

Livro: Ouço Vozes, página 100

Referências Bibliográficas

- CARMO, B.B. A cidade e os cortiços: morar e (sobre)viver em Santos (1870 - 1890). In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS. Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427938363_ARQUIVO_PROPRIETARIOSEINQUILINOS.pdf> Acesso em 05 set. 2019.
- KURKA, A.; FERRAZ, I.; ANASTÁCIO, J. Região Central Histórica de Santos e o Território Usado: Síntese de Múltiplas Determinações. *Revista de Cultura e Extensão USP*, São Paulo: v.10, p. 63-72, 27 nov. 2013.
- MARTINS, M.I.F.P.O. A Dinâmica Territorial do Município de Santos-SP e a Produção da Segunda Residência. In: 14º ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2013. Lima: União Geográfica Internacional e Colégio de Geógrafos do Perú.V.1, Anales del 14º EGAL, 2013.
- MARQUES JUNIOR, A.F.M., CARVALHO, A.C.R. *Inventário de estilos arquitetônicos da cidade de Santos*. Santos: Ensino e Memória Produções Editoriais, 2011.